

æ resenha

Cidades para um pequeno planeta Richard Rogers

Prof. Ms. Arq. Luiz Benedito de Castro Telles

O presente trabalho traduz uma reflexão sobre os fundamentos do livro **Cidades para um Pequeno Planeta** de Richard Rogers, com o objetivo de entendimento mais profundo sobre a sustentabilidade das cidades de modo geral, e em especial das metrópoles, como contribuição aos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa Paradigmas para o Estudo das Cidades Ibéricas e Americanas no Século XXI.

Palavras-chave: Cidades – Sustentabilidade – Richard Rogers

*The present work translates a reflection on the beddings of the book **Cities for a Small Planet** by Richard Rogers, with the objective of deeper comprehension on the sustainability of the cities in general way, and in special of the metropolises, as contribution to the studies developed by the group of research Paradigms for the Study of the Iberian and American Cities in the 21^o Century.*

Word-key: Cities - Sustainability - Richard Rogers

Cidades para um pequeno planeta

Richard Rogers ¹

Prof. Ms. Arq. Luiz Benedito de castro Telles*

A obra **Cidades para um Pequeno Planeta** de Richard Rogers, composta por cinco capítulos – A Cultura das Cidades, Cidades Sustentáveis, Arquitetura Sustentável, Londres: a Cidade Humanista e Cidades para um Pequeno Planeta – foi reorganizada por assuntos relativos às cidades e suas evidências de deterioração, espaços coletivos, monofuncionalidade e multifuncionalidade dos espaços urbanos e dos edifícios, participação da sociedade nas tomadas de decisão sobre as questões urbanas, e as cidades compactas.

Para Rogers, o processo de expansão das cidades não tem considerado a fragilidade do ecossistema, evidenciando seu caráter predominantemente quantitativo, em detrimento do aspecto qualidade. Aliás, entre nós, a interpretação do crescimento das cidades e da economia, meramente quantitativo, esteve sempre ligado à imagem de “modernização”, negligenciando aspectos relacionados à qualidade, especialmente à qualidade social. No mundo, houve aumento global de riqueza, do grau de pobreza e aumento da população pobre.

¹ A elaboração desta resenha se serviu de **CIDADES PARA UM PEQUENO PLANETA** Richard Rogers + Philip Gumuchdjian. Lisboa: GG, 2001 (Copyright Richard Rogers 1997)

As cidades, consideradas por Rogers como “*habitat da humanidade*”, constituíram-se no grande agente destruidor do ecossistema e de ameaça à sobrevivência da própria humanidade. Ele constata que, atualmente, as pessoas se lembram das cidades muito mais como cenário de automóveis e de edifícios do que por suas ruas e praças – espaços coletivos –, muito mais pelo isolamento social, poluição, medo da violência, local de consumo e pela busca insaciável de lucro do que pela comunidade, participação, espírito cooperativo, beleza e prazer. A democracia se faz representar equivocadamente por comunidades segregadas.

Ao mesmo tempo em que as cidades reúnem e potencializam energia física, intelectual e criativa, que abrigam grande concentração de famílias e que facilitam o trabalho e o desenvolvimento cultural, são elas prejudiciais ao meio ambiente em detrimento de todos.

Com relação à tecnologia, Rogers é de opinião que o desenvolvimento tecnológico “excessivo” não é o causador dos problemas da cidade, mas sim sua “excessiva” aplicação equivocada. A sustentabilidade das cidades deve ser um dos principais objetivos do desenvolvimento tecnológico. Faz-se eminente a rediscussão sobre a premência do retorno financeiro aos investidores e do mau uso da tecnologia.

A mente dos cidadãos e a tecnologia sofisticada (tecnologia da informação) estão substituindo matéria prima e força muscular. A rede de criatividade está agora dirigindo a nova economia criativa. As trocas entre arte e tecnologia – troca de idéias em vez de troca de produtos – estão se tornando a seiva vital da nova economia e de nossa prosperidade futura. Pág. 162.

Rogers critica a invasão de grande parte dos espaços públicos – especialmente ruas e praças – pelos veículos, causada pela ineficácia dos sistemas de transporte coletivo e pela deformação cultural, segundo a qual o carro torna-se elemento indispensável ao cidadão, pois lhe possibilita liberdade de locomoção e lhe confere status.

O autor tece um panorama sobre as cidades embasado por dados estatísticos que mostra a relevância dos problemas – crescimento e empobrecimento da população, habitação indigna, poluição, fome etc. – enfrentados, principalmente, pelas metrópoles.

O futuro da civilização será determinado pelas cidades e dentro das cidades. Hoje, elas consomem três quartos de toda a energia do mundo e causam pelo menos três quartos da poluição global”. Pág.27.

Rogers faz referência a São Paulo como exemplo de cidade que tem como motivação maior a busca do lucro e que prejudica o meio ambiente. Critica o congestionamento de tráfego nas ruas, as favelas – 32% da população são de favelados – e a falta de coerência urbana.

“São Paulo, a terceira maior e mais poluída do mundo, é uma massa contínua de edifícios pontuada em todas as direções por arranha-céus. Suas ruas estão constantemente congestionadas e os níveis de poluição são dramáticos, além disso, a cidade parece não ter centro, nenhuma diversidade e nenhuma coerência urbana”. Pág. 59.

O livro situa a cidade do México e Bogotá como metrópoles em situação ainda mais difícil que a de São Paulo. Os sinais de

deterioração nas grandes cidades são explicitados pelo solo prejudicado, pela baixa qualidade do ar, escassez de água – redução das áreas permeáveis em função da pavimentação, mudança climática reduzindo os índices pluviométricos; o problema do lixo, perda contínua de coesão social. Outros sinais apontados correspondem aos condomínios fechados – que, para Rogers, assemelham-se às antigas muralhas –, ao automóvel e à fragmentação urbana causada pelas grandes avenidas e estradas, à pobreza, desemprego, má qualidade do ensino de modo geral, aos conflitos, à injustiça social, exclusão social e formação de guetos, espaços públicos desprezados, crescimento da população urbana e os baixos padrões de moradia. Tudo isso contribui para acelerar o aumento da taxa de poluição e de erosão.

Los Angeles para os pobres e para os desempregados, segundo Rogers, resume-se em um conjunto de ruas repletas de automóveis.

A expansão urbana para bairros distantes continua sendo estimulada pelo excesso de veículos – *“500 milhões de carros em todo o mundo”* – fato que também contribui para a destruição da qualidade dos espaços públicos.

O livro evidencia o aspecto antieconômico representado pela necessidade de expansão do sistema de transporte público. Quanto maior for a cidade, maior será o custo de implantação dessa expansão.

O domínio público das cidades, os espaços públicos entre edifícios, nas últimas décadas, têm sido negligenciados. O uso das ruas para

“brincadeiras e encontros” é substituído por estacionamento e congestionamento de veículos, afetando diretamente o nível de interação social da comunidade. Esse negligenciamento do espaço público é confirmado pelo fato de que a maior parte dos parques públicos, praças e ruas sejam legado de séculos anteriores. Os edifícios são geralmente projetados como elementos isolados sem considerar o sítio, o entorno.

“Os edifícios ampliam a esfera pública de várias formas: eles conformam a silhueta da massa edificada, marcam a cidade, conduzem a exploração do olhar, valorizam o cruzamento das ruas. O menor detalhe tem efeito crucial na totalidade”. Pág. 71.

“Estruturas estéreis, com suas modernas fachadas clássicas, neovernáculas, como se escolhidas a partir de um catálogo de fachadas, não têm qualquer ligação com a comunidade ou o lugar. Edifícios de todos os tipos são embrulhados e padronizados”. Pág. 68.

Os espaços públicos são os principais elementos urbanos de leitura da cidade. Eles contribuem efetivamente para a compreensão e percepção do usuário ou transeunte, com relação ao espaço urbano. Rogers faz referência a espaços públicos europeus como exemplos nesse sentido: Galeria Victório Emmanuelle de Milão, as Ramblas de Barcelona, os parques de Londres, onde nos sentimos como parte da cidade. Podemos nos considerar parte de São Paulo?

Para Rogers, os espaços públicos com significado propiciam o exercício do entendimento com relação ao outro, e, portanto, o exercício da tolerância. A liberdade do espaço público é tão

importante quanto a liberdade de expressão. Ambas devem ser veementemente defendidas.

Os espaços urbanos monofuncionais e os multifuncionais de Mihael Walzer são abordados na obra de Rogers, que mostra a importância dos espaços multifuncionais nas propostas de reconstituição do tecido urbano. São eles espaços que reúnem a diversidade de atividades e de pessoas da cidade. Espaços que propiciam a convivência de partes distintas da cidade. *"a praça lotada, a rua animada, o mercado, o parque, o café, a calçada, todos representam espaços multifuncionais....(para estes) estamos sempre prontos a olhar, encontrar e participar. Pág.9.*

E complementa que a monofuncionalidade exclui os menos favorecidos – o mercado da rua para todos cede lugar aos shopping centers para alguns.

Por extensão, os edifícios multifuncionais complementam, as relações humanas e a qualidade de vida. A questão da complexidade de seu gerenciamento e incorporação comparada à da implantação de edifícios monofuncionais deve ser ponderada pela relação custo-benefício, considerando prioritariamente o benefício social.

Rogers alia à mentalidade que encara os edifícios como mercadoria a escolha de arquitetos não pela qualidade de seu trabalho e sim pela conveniência de seus salários – o profissional é colocado em situação de realizar o maior projeto (volume de trabalho) pela menor remuneração, no menor prazo e ainda *"vestir fachadas com qualquer estilo que seja possível aparafusar... Estruturas estéreis, com suas*

modernas fachadas clássicas, neo-vernáculos, como se escolhidas a partir de um catálogo de fachadas, não têm qualquer ligação com a comunidade ou o lugar. "
Pág. 68.

A sociedade deve ser ativamente partícipe do processo de construção e manutenção do desenvolvimento da cidade e, para isso, os cidadãos precisam ser informados inclusive do papel a ser desempenhado pelo arquiteto. O profissional tem como responsabilidade a definição e o exercício de sua dimensão ética.

A participação pública no processo de planejamento urbano foi incluída no processo eleitoral de San Francisco, Seattle e Portland, demonstrando a vontade de a população interferir na conformação de sua cidade.

*Devemos construir **centros de arquitetura** para envolver e informar os cidadãos, arquitetos, planejadores e incorporadores para que pensem e projetem uma cidade que satisfaça as necessidades das futuras gerações.* Pag. 107.

Maquetes, palestras, exposições e cursos sobre a cidade devem ser continuamente exercitados no sentido de controlar, inclusive o mercado regido pelo lucro.

Rogers faz menção à necessidade de um novo planejamento urbano segundo o qual não sejam mais criados guetos comerciais, industriais, educacionais, de compras etc. A interação espacial de diferentes atividades deve recompor a trama da cidade. O autor esclarece que na França, a profissão de arquiteto adquiriu respeito e admiração mundiais, a partir dos anos 1980, pelos novos edifícios e parques públicos implantados na cidade, cujos projetos foram

resultado de concursos internacionais e públicos, tanto para novos quanto para recuperação/reciclagem de edifícios existentes.

A cooperação entre setor público, iniciativa privada, sociedade participativa e o conselho da cidade devem compor o grande empenho em prol de uma cidade melhor e sustentável. As cidades precisam eleger seus representantes.

O processo de mudança com relação à consciência de sustentabilidade somente terá início efetivamente pela educação, *“a começar pela educação das crianças, componente importante para alterar esta situação e essencial para se conseguir um novo sistema de planejamento participativo”*. Pág. 107.

A cidade de Barcelona estabeleceu um plano diretor estratégico geral (total) criando 150 praças, um novo mobiliário urbano para as ruas e proposta para a recuperação de área industrial degradada que separava a cidade do mar. Para consolidar o plano, arquitetos de vários países foram selecionados e convidados a participar. Essas iniciativas tiveram como origem o fato de Barcelona ter sido escolhida como sede dos Jogos Olímpicos de 1992.

A sociedade é elemento essencial na fiscalização e controle responsável da aplicação das políticas ambientais e urbanas.

“Os cidadãos têm o direito de esperar que seus governos proporcionem edifícios públicos da melhor qualidade arquitetônica possível, já que estes são edifícios cruciais na nossa vida cotidiana: arquitetura é a expressão física do desenvolvimento cultural e das preocupações sociais de uma sociedade urbana”. Pág. 161.

Na introdução do livro, Sir Crispin Thick afirma que *“quem polui deve pagar a conta”*. Essa postura já é seguida com relação à região do Rio Paraíba do Sul quanto ao pagamento de taxas pela responsabilidade pós-consumo por parte de fabricantes/empresas. Rogers propõe a reciclagem de materiais, redução do lixo e preservação dos recursos não-renováveis. Toda cidade deve bem administrar a utilização desses tendo como principal ferramenta o planejamento abrangente – que inclui a sociologia –, o entendimento das relações entre cidadãos, de aspectos relacionados a políticas de transporte, serviços e da relação geração/consumo de energia e seu impacto no meio ambiente.

A renovação urbana e a recuperação de áreas degradadas consistem também em resultado da aplicação dos conceitos de sustentabilidade. Muitas cidades passaram por processo de mau uso, abandono e esvaziamento de áreas pela redução da função industrial – *nos últimos 20 anos* –, áreas essas geralmente localizadas ao longo das principais vias de transporte, ao longo de rios e canais e junto ao mar. O autor considera que a habitação é elemento importante na consolidação de áreas urbanas.

A intenção de conectar espaços coletivos existentes com significado deve, também, estar presente nos novos projetos de intervenções urbanas, no sentido de humanizar a cidade.

Para Rogers, a implantação de melhorias no transporte público é fundamental para contribuir com a sustentabilidade da cidade. Para ele, entretanto, a implantação de políticas restritivas o uso de automóveis particulares, sem contrapartida de competente transporte coletivo, mostra-se ineficiente, pois aumenta o custo da

mobilidade dos habitantes. O autor reafirma que os empreendimentos que acarretam custos sociais devem ter seus lucros partilhados com programas sociais e educacionais.

Richard Rogers defende o conceito de “cidade compacta” que se caracteriza por evitar expansão sobre as áreas rurais e áreas de preservação ambiental, por aumentar o desempenho da energia, reduzir o nível de poluição e o consumo de recursos, além de oferecer as *“vantagens de se morar ao lado do outro pela redescoberta da proximidade”*, sem o risco à saúde, fato típico das cidades densas do século XIX.

A cidade compacta é compatível com a multifuncionalidade e com a predominância de transporte coletivo eficiente. As ruas e demais espaços coletivos, nessa cidade, são de domínio da população; *“do pedestre e da comunidade”*.

Para o autor, a cidade compacta é sustentável e promove a equidade, abrigando atividades diversas e que, ao mesmo tempo, se sobrepõem. É, portanto, uma cidade *“livre que favorece os contatos pessoais em espaços coletivos com significado; uma cidade bela e conectada com a arte, e ainda possível de ser reconstruída”*.

Rogers é de opinião que a arquitetura aliada ao urbanismo e ao planejamento urbano podem evoluir no sentido de requalificação das cidades para que, no futuro, seus ambientes sejam sustentáveis e civilizados.

Apesar do processo de evolução ser lento, o aumento do grau de conscientização sobre a sustentabilidade, avanço da tecnologia das comunicações/informação e da produção automatizada, segundo o autor, *“são as condições que contribuem para o desenvolvimento de uma cultura urbana pós-industrial socialmente responsável e ambientalmente consciente”*. Pág. 5. Esta, segundo ele, é a garantia de que de nossa sociedade sobreviva, pelo atendimento às necessidades atuais sem o comprometimento das gerações futuras.

Rogers mostra a importância do pensamento criativo como embasamento de reflexões e inclui em seu texto o posicionamento de David Puttnam a esse respeito, segundo o qual a expansão da imaginação criativa (poder intelectual) – o mais valioso dos recursos humanos – é capacitada pelas novas tecnologias. A imaginação criativa tem caráter social e respeita o meio ambiente, sendo proveniente da *“massa cinzenta”*, riqueza natural disponível e sustentável.

O poder intelectual, no sentido da evolução efetiva da sociedade, deve mais e mais substituir as fontes que extraímos da terra, para que se possa obter e conservar um padrão de vida digno – *“decente, civilizado e amplamente eqüitativo”*.

O autor enfatiza a importância do tempo disponível extra trabalho, para o desenvolvimento de atividades criativas – enfoque semelhante ao de Domenico de Masi com relação ao ócio criativo –, em contraposição ao desemprego, à falta de expectativa de evolução, às drogas e à indigência.

Atualmente, há uma grande separação social, um contra-senso com relação ao expressivo desenvolvimento das conexões eletrônicas. A cultura de preservação exacerbada da liberdade individual/privacidade contribui para o fortalecimento desse isolamento social.

“Para contrabalançar estas forças, precisamos incentivar e premiar a participação em tarefas que servem de base à sociedade”. Pág.150.

‘Cultura é a alma da sociedade e a qualidade que luta contra a repressão. Ela diferencia as pessoas nestes tempos de globalização e mesmice’. Pág.151.

Rogers salienta a premência de criação de locais de encontro formais e informais, no sentido de garantir convívio social para as pessoas (população crescente) que desenvolvem seus trabalhos em casa ou em outros locais e que não mais estão ligadas aos espaços das grandes organizações formais, o que possibilita menor deslocamento de pessoas pela cidade.

O autor também prevê que as cidades vão fazer parte de redes mundiais de troca de conhecimento, de tecnologia de serviços e recursos recicláveis, por meio de políticas globais que, entretanto, respeitem as culturas locais.

Segundo Richard Rogers, a cidade sustentável tem várias facetas. É justa, bela, criativa pela visão aberta e exposta à experimentação. É ecológica, de leitura fácil, diversificada, compacta e policêntrica. Deve ela criar estrutura flexível para uma comunidade expressiva e forte, em ambiente saudável.

“O conceito de cidade sustentável reconhece que a cidade precisa atender aos nossos objetivos sociais, ambientais, políticos e culturais, bem como aos objetivos econômicos e físicos. É um organismo dinâmico tão complexo quanto à própria sociedade e suficientemente ágil para reagir rapidamente às suas mudanças”. Pág. 167.

Certamente Rogers em *Cidades para um pequeno planeta*, contribui para que reflexões continuem sendo exercitadas, no sentido de melhor compreender e promover ações para um melhor *“habitat da humanidade”*.

Segue a bibliografia utilizada por Richard Rogers na elaboração de **Cidades para um pequeno planeta**.

*Luiz Telles*²

² **Luiz B. C. Telles** – Arquiteto e Urbanista (FAUMack 1966), Mestre em Arquitetura e Urbanismo (FAUMack 2002), professor de projeto e de metodologia da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie (2002,_) , titular do escritório LT Arquitetura e membro do grupo de pesquisa “Paradigmas para o estudo das cidades ibéricas e americanas no século XXI”. aedificandi@aedificandi.com.br

Bibliografia

- Anson, Brain, *Don't Shoot the Graffiti Man*, obras inéditas.
- Benevolo, Leonardo, *The European City*; (versão em português: *A Cidade na História da Europa*, Editora Presença, 1ª Edição, 1997).
- Berman, Marshall, *All That is Solid Melts into Air: The Experience of Modernity*, Simon and Schuster, 1982, (versão em português: *Tudo Que É Sólido Desmancha no Ar – A Aventura da Modernidade*, Editora Companhia das Letras, 15ª Edição, 1986).
- Brotchie, John; Baffy, Michael; Hall, Peter; Newton, Peter (editores), *Cities of the 21st Century, New Technologies and Spatial Systems*, primeira edição, Longman, 1991.
- Brown, Lester R. *et al*, *State of the World – A Worldwatch Institute Report on Progress Towards a Sustainable Society*, Earthscan Worldwatch Institute, 1992.
- Carson, Rachel, *Silent Spring*, Houghton Mifflin Co., 1962.
- Castells, Manuel; Hall, Peter, *Technologies of the World – The Making of 21st Century Industrial Complexes*, Routledge, 1994.
- Daton, Rio, *Researching the International Order*.
- Davies, Robert, *Death of the Streets – Cars and the Mythology of the Road Safety*, Leading Edge Press and Publications Ltd, 1992.
- Drucker, Peter F., *Post-Capitalist Society*, Butterworth Heinemann, 1993; (versão em português: *Sociedade Pós Capitalista*, Editora Pioneira, 7ª Edição, 1999).
- Easterbrook, Greg, *A Moment on the Earth*, Penguin, 1995.
- Elkin, Tim; McLaren, Duncan; Hillman, Meyer, *Reviving the City, Towards Sustainable Urban Development*, Friends of the Earth, 1991.
- Elkins, Paul; Hillman, Mayer; Hutchison, Robert, *Wealth Beyond Measure – Atlas of New Economics*, Gaia Books, 1992.
- Freundt, Peter; Martin, George, *The Ecology of the Automobile*, Black Rose, Ltd, 1993.
- Galbraith, John Kenneth, *The New Industrial State*, primeira edição, Andre Deutsch, 1972; segunda edição, Penguin Books, 1991; (versão em português: *O Novo Estado Industrial*, Editora Europa-América, 1ª Edição, 1990).
- Girardet, Herbert, *The Gaia Atlas of Cities*, Gaia Books, 1992.
- Gore, Al, *Earth in the Balance – Ecology and the Human Spirit*, Penguin, 1993.
- Goetz, André; Turner, Chris, *Capitalism Socialism, Energy*, Verso.
- Hall, Peter, London 2001, *Cities of Tomorrow*, Blackwell, 1988.
- Harvey, David, *The Condition of Postmodernity*, Basil Blackwell, 1989; (versão em português: *Condição Pós-moderna*, Editora Loyola, 5ª Edição, 1992).
- International Institute for Environment and Development, *Policies for a Small Planet*, Earthscan Publishers, 1992.
- Jacobs, Jane, *The Death and Life of Great American Cities – The Future of Town Planning*, primeira edição Penguin, 1961; reimpresso por Pelican Books, 1965; (versão em português: *Vida e Morte de Grandes Cidades*, Editora Martins Fontes, 2ª Edição, 2001).
- Kelly, Kevin, *Out of Control*, Fourth Estate, 1995.

- Kennedy, Paul, *Preparing for the 21st Century*, HarperCollins, 1993; (versão em português: *Desafios para o Século XXI*, Editora Europa-América, 1^a Edição, 1993).
- Kropotkin, P. A., *Mutual Aid – A Factor of Evolution*, Freedom Press 1993.
- Leggett, Jeremy (org.), *Global Warming – The Greenpeace Report*, Oxford University Press, 1990; (versão em português: *Aquecimento Global – O Relatório do Greenpeace*, Editora FGV, 1^a Edição, 1992).
- London City Council, *County of London Plan*, segunda impressão, MacMillan and Co., 1943.
- Lovelock, James, *The Ages of Gaia*, Oxford University Press, 1988; (versão em português: *As Eras de Gaia*, Editora Europa-América, 1^a Edição, 1990).
- Mumford, Lewis, *The City in History*, Harcourt Brace & World, 1961.
- Nijkamp, Peter; Perrels, Adrian, *Sustainable Cities in Europe*, Earthscan Publications, 1994.
- Ohmae Kenichi, *The Borderless World*, Fontana, 1990; (versão em português: *Além das Fronteiras Nacionais*, Editora Pioneira).
- Papanek, Victor, *The Green Imperative*, Thames and Hudson, 1995.
- Pearce, David, *Blueprint I, II and III – Measuring Sustainable Development*, Earthscan, 1993-1997.
- Pearce, David; Markandya, April; Barbier, Edward B., *Blueprint for a Green Economy*, Earthscan Publications, 1999.
- Ponting, Clive, *The Green History of the World*, St Martin's Press, 1991.
- Porter, Roy, *London – A Social History*, Harvard University Press, 1995.
- Reich, Robert B., *The Work of Nations – A Blueprint for the Future*, Simon and Schusters, 1991; (versão em português: *O Trabalho das Nações*, Educator Editora, 2^a Edição, 1994).
- Rifkin, Jeremy, *The End of the Work: The Decline of the Global Labour Force and the Dawn of the Post-Market Era*, G. P. Putnam's Sons, Nova Iorque, 1995; (versão em português: *O Fim dos Empregos*, Editora Makron Books, 4^a Edição, 1996).
- Rogers, Richard; Fisher, Mark, *A New London*, Penguin, 1992.
- Sennet, Richard, *The Fall of Public Man*, Faber and Faber, 1974; (versão em português: *O Declínio do Homem Público – As Tiránias da Humanidade*, Editora Companhia das Letras, 6^a Edição, 1988).
- Seymour, John; Girardet, Herbert, *BluePrint for a Green Planet*, Dorling Kindersley, 1987.
- Sherlock, Harley, *Cities are Good For Us*, Paladin, 1991.
- Sorkin, Michael, *Exquisite Corpse*, Verso, 1991.
- Thompson, William Irwin, *Gaia II – Emergence. The New Science of Becoming*, Lindisfarne Press, 1991.
- Turner, R. Kerry; Pearce, David; Bateman, Ian, *Environmental Economics, An Elementary Introduction*, Harvester Wheatsheaf, 1994.
- Ward, Barbara; Dubos, René, *Progress for a Small Planet*, Penguin, 1979.
- Wilks, Stuart (ed.), *Talking about Tomorrow*, Pluto Press Collection, 1993.
- Williams, Raymond, *The Country and the City*, Hogarth Press, 1973; (versão em português: *O Campo e a Cidade*, Editora Companhia das Letras, 2^a Edição, 1989).

*